

# Caracterização físico-natural e problemas ambientais derivados do turismo na Trilha Ecológica do Kuatá, Comunidade Nova Esperança, Terra Indígena São Marcos, Pacaraima- Roraima.

[https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/casa\\_de\\_makunaima/article/view/915](https://periodicos.uerr.edu.br/index.php/casa_de_makunaima/article/view/915)

Laura Andreina Matos Marquez  
Universidade Federal de Roraima/UFRR  
<https://orcid.org/0000-0002-5615-096X>

Márcia Teixeira Falcão  
Doutora em Biotecnologia e Biodiversidade  
Universidade Estadual de Roraima/UERR  
<https://orcid.org/0000-0003-3190-3192>

Imagem: Unidade paisagística da trilha do Kuatá. Acervo pessoal (pesquisa in loco, 2019).

## RESUMO

O contato entre visitantes e anfitriões origina uma série de relações complexas; é de se esperar que, quanto maior o número de turistas, maior o impacto que ocorre, não apenas no ambiente físico natural, mas também na sociedade. O objetivo deste estudo foi descrever as variáveis ambientais e físico-naturais, além dos problemas decorrentes de seu uso para fins turísticos na trilha do Kuatá na Comunidade Nova Esperança localizada na Terra Indígena São Marcos. A metodologia utilizada foi de natureza quantitativa, bibliográfica e pesquisa de campo. Os resultados obtidos mostraram que os impactos turísticos na trilha do Kuatá, são de nível baixo a moderado, podendo ser minimizados através do manejo adequado da trilha e da sensibilização dos visitantes, por meio de programas de Educação Ambiental, com isso, os impactos causados dependerão do tipo de modalidade turística desenvolvida, das características do turista e de seu tratamento com os moradores e a natureza.

**Palavras-chave:** Impactos turísticos. Natureza. Pacaraima-RR.Terra indígena. Visitantes.

## ABSTRACT

The contact between visitors and hosts creates a series of complex relationships; it is to be expected that the greater the number of tourists, the greater the impact that occurs, not only on the natural physical environment, but also on society. The objective of this study was to describe the environmental and physical-natural variables, in addition to the problems arising from their use for tourism purposes on the Kuatá trail in the Nova Esperança Community located in the São Marcos Indigenous Land. The methodology used was quantitative, bibliographic and field research. The results obtained showed that the tourist impacts on the Kuatá trail are low to moderate, and can be minimized through the proper management of the trail and the awareness of visitors, through Environmental Education programs, with this, the impacts caused will depend on the type of tourist modality developed, the characteristics of the tourist and their treatment with residents and nature.

**Keywords:** Tourist impacts. Nature.Pacaraima-RR.Indigenousland.Visitors.



## 1 INTRODUÇÃO

O Turismo é um fenômeno que promove vários tipos de encontros de natureza social, simbólica, ambiental e cultural, entre outros, e, portanto, não afeta apenas economicamente o destino onde está estabelecido, mas também as complexas inter-relações entre turistas e a comunidade local, produzem impactos positivos e negativos que podem afetar aspectos socioculturais, ambientais e econômicos (TRIBIÑO, 2015; CUADRA et al., 2017).

Portanto, o impacto se manifesta através do vínculo entre turistas, a área de destino e a população local. Por todas essas razões no Turismo, os benefícios são geralmente destacados sem considerar os impactos econômicos, sociais e ecológicos que podem surgir, e que muitas vezes podem ser maiores e irreversíveis do que as contribuições que podem gerar (RÁBAGO; REVAH, 2000).

O contato entre visitantes e anfitriões origina uma série de relações complexas, é de se esperar que, quanto maior o número de turistas, maior o impacto que ocorre, não apenas no ambiente físico natural, mas também na sociedade (BONILLA; BONILLA, 2008). Sua categoria ambivalente permite "trazer grandes vantagens, principalmente na esfera econômica, mas também pode ser corrosivo socioculturalmente, contribuindo para a degradação ambiental e a perda da identidade local" (SERRANO, 2011, p. 6).

Os modelos tradicionais de desenvolvimento do Turismo geraram visões utilitárias da paisagem, produzindo fortes efeitos negativos nos territórios devido à sua degradação (REBOLLO; BAIDAL, 2003). É o caso do Turismo de massa, definido como "o volume de turistas participantes e o alto grau de concentração que caracteriza a atividade turística no destino" (OPASCHOWSKI, 2015, p. 68). Esse Turismo rural indiscriminado, impulsionado

pelos interesses do mercado e baseado na exploração intensiva dos recursos tradicionais, pode prejudicar a preservação do habitat e a atividade habitual da população. Isso, por haver uma relação desigual entre visitantes e visitados, efeitos sociais negativos ocorrem, e a pressão de empresas privadas, aliada à ideia de crescimento dessa atividade deslocam o trabalho tradicional das comunidades (TRIBIÑO, 2015).

Esse Turismo tem sido amplamente criticado e considerado um predador agressivo do meio ambiente, no entanto, o aumento da sensibilização ambiental direcionou aos interesses em encontrar e desenvolver formas opcionais de Turismo, quase todas realizadas em ambientes naturais. Essa circunstância não deixa de lado que "o Turismo tradicional continua crescendo em importância e número, exacerbando os problemas de deterioração ambiental devido à pressão a que são submetidos os ecossistemas frágeis" (RÁBAGO; REVAH, 2000, p. 375).

Para Serrano (2011) os impactos dependerão do tipo de modalidade turística desenvolvida, das características do turista e de seu tratamento com os moradores e a natureza. Para ele, alguns impactos são óbvios e fáceis de identificar, enquanto outros são indiretos e difíceis de quantificar. Ele acrescenta que, economicamente, é gerado um aumento na demanda por serviços, social e culturalmente, o aumento de turistas pode mudar completamente o modo de vida dos moradores, causando o aparecimento de crimes, a perda de direitos tradicionais e limitando o gozo de residentes de seus recursos naturais. Para solucionar o problema da quantificação, sugere-se o uso de escalas qualitativas para sua determinação (SANDOVAL; ABELLÁN, 2000).

É importante notar que a categoria de um impacto depende da intensidade da alteração, da extensão dos efeitos, do momento em que eles se manifestam, da persistência ou durabilidade do efeito, da capacidade de recuperação do meio,

da inter-relação de ações e efeitos, da periodicidade e da existência de medidas corretivas (OREA, 2002). Todo esse problema de degradação ambiental no Turismo e sua relação com o meio ambiente natural, pois, por um lado, consome recursos naturais e, por outro, necessita de um ambiente natural atrativo para o seu desenvolvimento (SEGRADO et al., 2008).

Se considerarmos que todos os tipos de Turismo dependem até certo ponto da paisagem natural, incluindo o Turismo cultural, porque a cultura é derivada do meio ambiente, portanto, sua conservação e manutenção são essenciais para garantir o sucesso e a existência da atividade (JIMÉNEZ, 2006). O Turismo é construído pela existência de atrativos naturais e culturais, e seu desenvolvimento depende das boas condições em que são encontrados. Os impactos negativos no meio ambiente natural comprometem não apenas os valores ecológicos das áreas, mas também seu próprio potencial turístico, porque um local deteriorado é um local não frequentado por turistas e perde competitividade (BONILLA; BONILLA, 2008).

O Turismo ecológico praticado em terras indígenas surge como alternativa econômica viável, com possibilidade de gerar benefícios diretos e indiretos para as comunidades envolvidas, mas também como um instrumento de valorização cultural, pois a diversidade cultural desses povos é um de seus principais atrativos. No entanto, é preciso que as diretrizes, estratégias e o tipo de Turismo que se pretende implantar sejam definidos em conjunto com as entidades representativas (organizações e associações indígenas) diante do imenso potencial cultural e natural que o tema apresenta (SILVA, 2015).

A Terra Indígena São Marcos está localizada ao norte do estado de Roraima, abrangendo terras de Boa Vista-RR e Pacaraima-RR. Limita-se ao norte com a República Bolivariana da Venezuela, a leste com a Terra Indígena (TI) Raposa Serra do

Sol no município de Normandia-RR, sendo divididas pelos rios Miang, Surumu, Tacutu, e ainda com a TI Jabuti no município de Bonfim-RR, a oeste tem limite com as TI Anaro, Ouro e Ponta da Serra, ambas no município de Amajari-RR, dividida pelo rio Parimé, faz limite também com a TI Serra de Moça, no município de Boa Vista-RR cercada pelo rio Uraricoera. Sua área total é de 654.110 hectares, e ocupa em grande parte, ao norte, o município de Pacaraima-RR, e em menor parte, ao sul, o município de Boa Vista-RR (MANDUCA et al., 2009).

Cultural e geograficamente a área está dividida em três sub-regiões: Alto, Médio e Baixo São Marcos. Segundo Galdino (2017) o Alto São Marcos possui ao todo 24 (vinte e quatro) comunidades indígenas, entre elas, a Comunidade Nova Esperança, localizada ao norte da TI São Marcos numa região serrana com presença de uma área de contato, entre a floresta ombrófila e a savana (Lavrado). Essa divisão em sub-regiões ocorre por uma necessidade interna de organização sócio-política e com a finalidade de fazer uma divisão do trabalho eficiente, de manejo dos recursos naturais e das ações atendidas pela saúde (MANDUCA et al., 2009).

A Comunidade Nova Esperança pratica o Turismo há 16 (dezesseis) anos, desde 2003, sendo idealizada pelos próprios indígenas. O empreendedor Alfredo Silva Wapixana sugeriu à Comunidade aproveitar a clareira aberta na floresta pela Eletronorte, na construção do Linhão de Guri (principal linha de abastecimento de energia em Roraima) para formação desta trilha, primeiro produto turístico da Comunidade Nova Esperança e de Roraima. As trilhas são compreendidas como o caminho para desfrutar das áreas naturais de maneira organizada, segura e consciente, possibilitando o cuidado ao ambiente natural. Quando planejadas e manejadas adequadamente, servem de proteção ao usuário e ao ambiente, além de assegurar maior conforto e segurança ao caminhante (DIAS; QUEIROZ, 1997).



A aceitação dos moradores influencia diretamente a qualidade dos serviços e produtos oferecidos aos visitantes, é considerada fundamental para o sucesso do projeto. Apesar de seu valor, “poucos estudos examinaram as expectativas, esperanças e preocupações dos moradores no pré-estabelecimento do desenvolvimento do Turismo” (MARTÍNEZ et al., 2015, p.46). Nas circunstâncias dos moradores da comunidade de Nova Esperança, há aceitação para o desenvolvimento da atividade turística e até mesmo participação, visto que, observam o turismo como forma de geração de renda e diversificar o uso da terra.

A região é pioneira nessa atividade, e influenciou as demais que ficam relativamente próximas, Bananal e Boca da Mata, sendo hoje visitadas também por turistas, acadêmicos, pesquisadores e curiosos em geral (ASSIS; LIMA, 2014). A prática do Turismo na localidade teve apoio do Ministério do Turismo por meio do Programa de Desenvolvimento Sustentável da Nova Esperança, onde o Turismo é realizado como forma de divulgação das belezas da região e tradições (MELO, 2012).

O acesso à trilha do Kuatá possui um grau de dificuldade regular, e leva a uma bela cachoeira, durante o percurso encontram-se espécies nativas da fauna e flora, um sítio arqueológico, várias espécies de pássaros. A disponibilidade de recursos naturais que a trilha do Kuatá possui é baseada no solo e nos recursos hídricos, o que lhe confere um potencial agrícola artesanal, e o recurso climático paisagístico que possibilita o desenvolvimento de atividades turísticas de ordem estritamente ecológica. É um espaço específico onde os recursos naturais e paisagísticos podem atuar como motor do desenvolvimento local, crescimento econômico e geração de empregos alternativos aos tradicionais em áreas rurais.

Porém, os impactos negativos atualmente gerados pela atividade turística na trilha do

Kuatá são: despejo de resíduos sólidos no leito do rio; extração indiscriminada de árvores e incêndio criminoso; pisoteio constante dos visitantes; trânsito de visitantes fora das trilhas e áreas proibidas; descarte inadequado de resíduos sólidos; extração de material vegetal; e ruído produzido pelos visitantes. Precisamente o que se deseja é minimizar esses impactos para que o destino seja mantido ao longo do tempo.

Por isso, a pesquisa descreve as variáveis ambientais e físico-naturais além dos problemas decorrentes de seu uso para fins turísticos na trilha do Kuatá na Comunidade Nova Esperança localizada na Terra Indígena São Marcos, identificando e expondo que o cenário natural se tornou uma paisagem econômica e culturalmente explorada, definindo assim, quais são os impactos do Turismo na modificação da paisagem.

## 2 METODOLOGIA

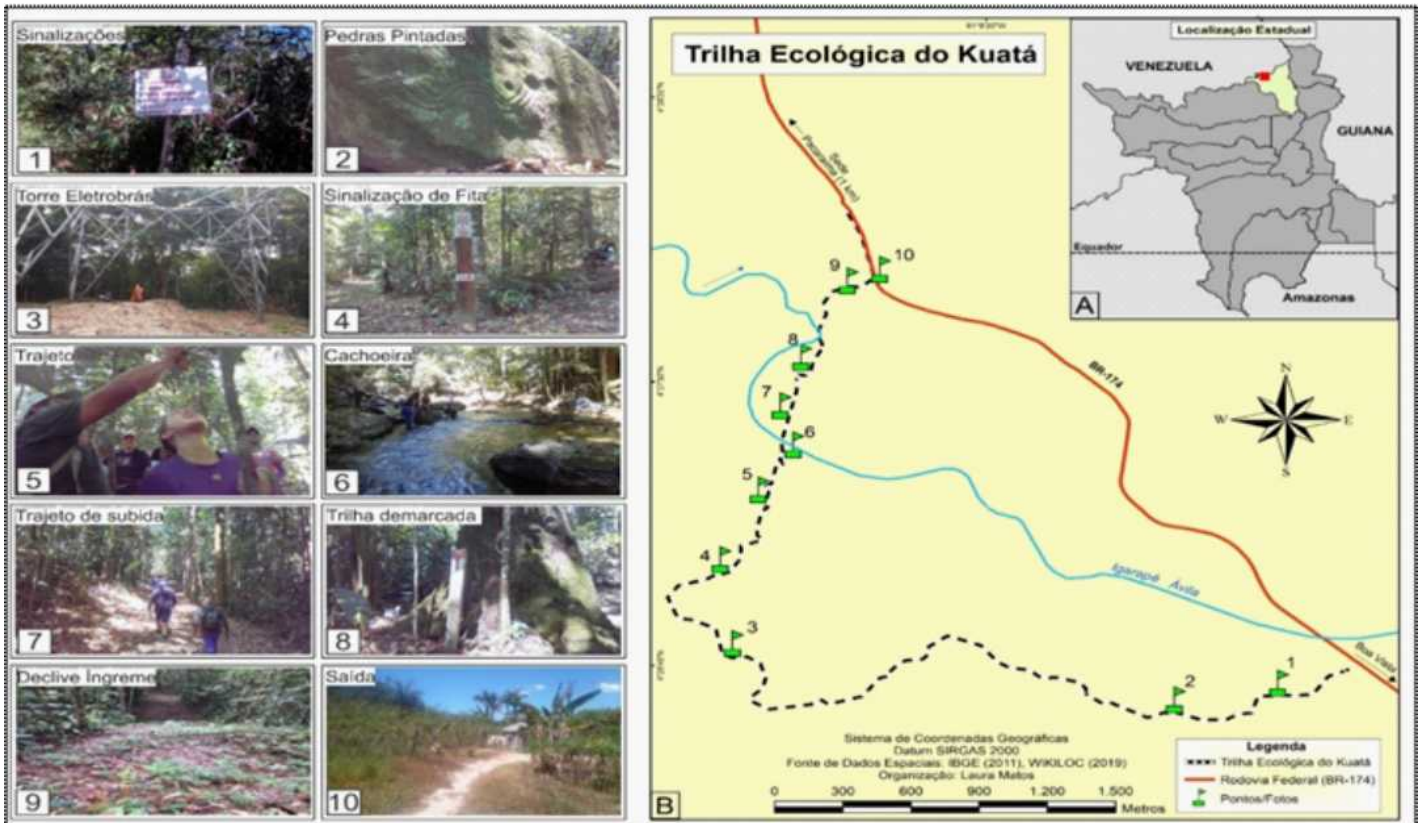
A pesquisa foi desenvolvida na trilha do Kuatá na Comunidade Nova Esperança localizada na Terra Indígena São Marcos no município de Pacaraima-RR. Situada no km 212 da BR-174 no sentido norte do estado de Roraima, ficando apenas a 4 km de distância da sede de Pacaraima-RR e a 200 km da capital Boa Vista-RR, nas coordenadas geográficas N 4° 26' 39" W 61° 07' 29" e altitude de 674 metros acima do nível do mar (Figura 1). Esta terra indígena é caracterizada como de ocupação tradicional e permanente indígena (OLIVEIRA, 2018).

A metodologia utilizada foi de natureza quantitativa, bibliográfica e pesquisa de campo. A primeira etapa, consistiu na construção de uma vasta revisão de literatura, a partir de pesquisa bibliográfica e documental em fontes secundárias como livros, dissertações, teses, artigos científicos, e em sites de instituições oficiais ligadas aos impactos turísticos. Na segunda etapa, foram realizadas pesquisa de

campo para quantificar as trilhas; a infraestrutura da sede que recebe os visitantes; possíveis erosões; impactos causados pela visitação; possíveis alagamentos; e outras infraestruturas necessárias para a manutenção e segurança das trilhas para a visitação.

tempo percorrido. c) em março de 2020, a trilha foi dividida em trechos de 60 metros para auxiliar no estudo e identificar os impactos em cada trecho. Para análise dos dados, foram feitas anotações em fichas técnicas organizadas com intuito de registrar os impactos causados pela

**Figura 1:** Mapa da localização geográfica e diversidade de paisagens e potencialidades paisagísticas da trilha do Kuatá na Comunidade Nova Esperança localizada na Terra Indígena São Marcos no município de Pacaraima-RR



Fonte: mapa de produção própria (2020).

A etapas foram desenvolvidas da seguinte forma: a) no mês de maio de 2019 houve o reconhecimento e registro da situação física da trilha, através de registros fotográficos foram levantados alguns aspectos visuais referentes ao estado de conservação da trilha, e que interfere na estruturação do planejamento da mesma. b) em fevereiro de 2020, foi feito um mapeamento, onde foram marcados os pontos geográficos utilizando o aparelho Global Positioning System (GPS) e identificando o percurso da trilha, além do GPS foi usado um cronômetro para estabelecer o

visitação encontrados no percurso da trilha. Os dados de pluviosidade foram disponibilizados pelo Instituto Nacional de Meteorologia (INMET).

Para identificação e avaliação dos impactos ambientais gerados e/ou previsíveis na trilha, utilizou-se o Método Matricial, considerando-se que este método proporciona o alinhamento para analisar os dados coletados na pesquisa, possibilitando quantificar e qualificar quais foram os impactos e as intervenções providas do empreendimento sobre os componentes ambientais.

A matriz de correlação “Causa x Efeito” aqui apresentada foi construída como base no método de Matriz Leopold et al., (1971) de modo adaptado para atender aos objetivos desse estudo. Para composição da matriz foram identificadas as ações do empreendimento em todas as suas fases, e os componentes do sistema ambiental da área de influência funcional do estudo.

No Quadro 1, apresenta-se os conceitos e atributos utilizados para a caracterização dos impactos, bem como a definição dos parâmetros usados para valoração destes atributos (DOTE SÁ; OLÍMPIO, 1995). Assim, o impacto de caráter benéfico, de média magnitude e de importância, não significativa, e de curta duração é representado pela seguinte configuração:

+	1
M	4

**Quadro 1:** Conceituação dos atributos utilizados na matriz “causa x efeito” e definição dos parâmetros de valoração dos atributos.

ATRIBUTOS	PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO	SÍMBOLO
<b>CARÁTER</b> Expressa a alteração ou modificação gerada por uma ação do empreendimento sobre um dado componente ou fator ambiental por ela afetado	<b>BENÉFICO</b> Quando o efeito gerado for positivo para o fator ambiental considerado	+
	<b>ADVERSO</b> Quando o efeito gerado for negativo para o fator ambiental considerado.	-
<b>MAGNITUDE</b> Expressa a extensão do impacto, na medida em que se atribui uma valoração gradual às variações que a ação poderá produzir num dado componente ou fator ambiental por ela afetado	<b>PEQUENA</b> Quando a variação no valor dos indicadores for inexpressiva, inalterado o fator ambiental considerado	P
	<b>MÉDIA</b> Quando a variação no valor dos indicadores for expressiva, porém sem alcance para descaracterizar o fator ambiental considerado.	M
	<b>GRANDE</b> Quando a variação no valor dos indicadores for de tal ordem que possa levar à descaracterização do fator ambiental considerado	G
<b>IMPORTÂNCIA</b> Estabelece a significância ou o quanto cada impacto é importante na sua relação de interferência com o meio ambiente, e quando comparado a outros impactos.	<b>NÃO SIGNIFICATIVA</b> A intensidade da interferência do impacto sobre o meio ambiente e em relação aos outros impactos, assume dimensões recuperáveis, quando adverso, para a queda da qualidade de vida, ou assume melhoria da qualidade de vida, quando benéfico.	1
	<b>MODERADA</b> A intensidade do impacto sobre o meio ambiente e em relação aos outros impactos, assume dimensões recuperáveis, quando adverso, para a queda da qualidade de vida, ou assume melhoria da qualidade de vida, quando benéfico.	2
	<b>SIGNIFICATIVA</b> A intensidade da interferência do impacto sobre o meio ambiente e junto aos demais impactos acarreta, como resposta, perda da qualidade de vida, quando adverso, ou ganho, quando benéfico	3
<b>DURAÇÃO</b> É o registro de tempo de permanência do impacto após concluída a ação que o gerou	<b>CURTA</b> Existe a possibilidade da reversão das condições ambientais anteriores à ação, num breve período de tempo, ou seja, que imediatamente após a conclusão da ação, haja a neutralização do impacto por ela gerado.	4
	<b>MÉDIA</b> É necessário decorrer um certo período de tempo para que o impacto gerado pela ação seja neutralizado.	5
	<b>LONGA</b> Registra-se um longo período de tempo para a permanência do impacto, após a conclusão da ação que o gerou. Neste grau, serão também incluídos aqueles impactos cujo tempo de permanência, após a conclusão da ação geradora, assume um caráter definitivo.	6

**Fonte:** Elaboração própria com adaptações a partir de (DOTE SÁ; OLÍMPIO, 1995).

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 3.1 Potencialidades e Limitadores

Roraima é o estado com a maior variedade geomorfológica de toda a Amazônia Brasileira (LADEIRA; DANTAS, 2014). A Região Norte possui uma grande riqueza paisagística, resultado da dinâmica natural ao longo do tempo, condicionado pelas flutuações climáticas e reflexo da história geológica, marcada pela altimetria, declividade, configuração geológica e papel das oscilações climáticas (FALCÃO; COSTA, 2014). Possui características cênicas devido à ação da natureza, que proporcionam paisagem diferenciada à região, e por consequência, uma geodiversidade regional.

A trilha do Kuatá pode ser considerada um destino emergente, pois, possui evidentes vantagens comparativas para se tornar um local muito atrativo em termos de geodiversidades e áreas de interesse natural, social e cultural. Tem condições para satisfazer a nova procura por espaços sensíveis, muito frágeis e vulneráveis que podem ser incorporados a esta atividade, desde que sejam respeitadas as regras e condições de utilização existentes, e outras muito precisas, possam ser empregadas para evitar a sua degradação e preservar a sua autenticidade.

O relevo nesta área oferece ao visitante uma paisagem inigualável, beleza cênica, onde é possível observar encostas altas e processos erosivos (FALCÃO et. al, 2020). Certamente, “a qualidade visual obtida é bastante alta”, pois, em muitos casos elas podem ser paisagens sem intervenção, a qualidade fisiográfica da unidade paisagística é avaliada com base em dois aspectos: a irregularidade e a complexidade topográfica. Este critério visa atribuir uma qualidade superior a unidades movidas mais abruptas, como vales estreitos, em comparação com os vales abertos dominados por formas planas (AYALA et al., 2003).

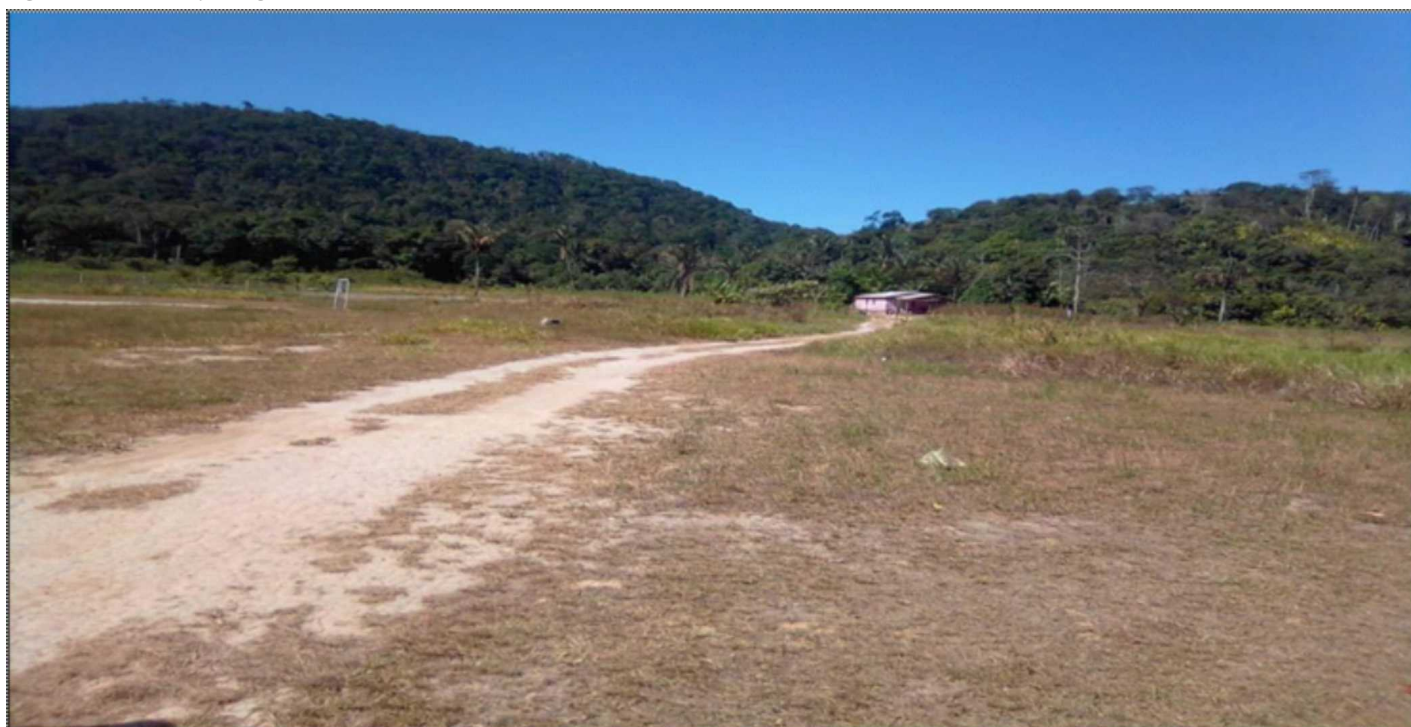


Quanto mais frágil a paisagem, mais vulnerável será o caráter da área, e quanto mais atraente e visível a paisagem, maior o seu grau de fragilidade, e estará mais propenso a sofrer impactos ambientais (KIYOTANI; LIMA, 2012). O prazer e a recompensa estética que os seres humanos obtêm ao contemplar a natureza são incalculáveis, e conferem valor estético à diversidade biológica, base fundamental para transformá-la em produto para adequar a oferta turística de algum espaço geográfico (GUILLÉN; BOADA, 2006).

intemperizadas, influenciando na geomorfologia local. Usando a majestade do relevo, podem ser estabelecidos pontos de visibilidade turística, para tirar proveito da qualidade visual que a natureza oferece naturalmente (Figura 2).

Dadas as condições acima, quanto maior o potencial, maior a fragilidade, devido à maior exposição das ações (AYALA et al., 2003). É possível estabelecer nesta área de estudo atividades que envolvem exercícios físicos e que são desenvolvidas em contato com o ambiente natural, como por exemplo, escalada,

**Figura 2:** Unidade paisagística da trilha do Kuatá.



**Fonte:** acervo pessoal (pesquisa in loco, 2019).

A trilha do Kuatá apresenta variações paisagísticas, em termos de sistemas ambientais decorrentes das diversidades das condições naturais e das formas de uso e ocupação da terra. Apresenta elevado potencial geológico-geomorfológico, a dinâmica da mudança geológica com a presença de rochas de idades distintas, são evidências de mudanças climáticas em eras passadas, demonstradas em rochas sedimentares e vulcânicas altamente

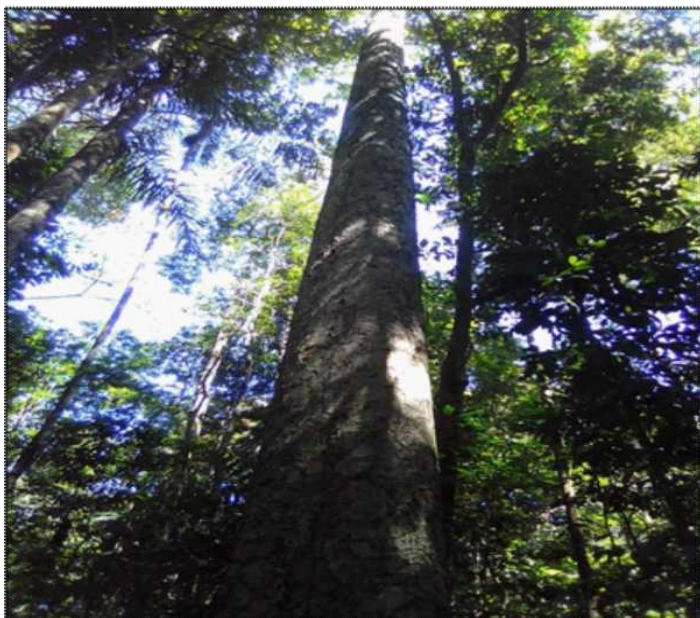
montanhismo, entre outras.

Esse modelo de praticar o Turismo coloca o praticante em contato direto com a natureza, permitindo experiências que ele normalmente não tem acesso em sua vida urbana. As grandes vantagens desse modo de Turismo baseiam-se no fato de que essas atividades vão contra a tendência de despovoamento das áreas rurais, recuperando e “revitalizando tradições culturais em perda e/ou

fora de uso”, incentivando a entrada de capital e sensibilizando sobre a proteção do patrimônio natural (GALLEGOS, 2007).

Em áreas naturais, a atividade turística é mais sensível, porque podem ser ecossistemas suficientemente desconhecidos, onde a biodiversidade pode correr maiores riscos de deterioração e degradação (GUILLÉN; BOADA, 2006). Nesse sentido, a vegetação pode ser percebida através de trilhas, correntes de água e formações rochosas, é um dos atrativos que mais chama atenção, pois o verde da floresta ombrófila densa está presente em basicamente todo o percurso (Figura 3).

**Figura 3:** Árvores imponentes de tronco largo.



**Fonte:** acervo pessoal (pesquisa in loco, 2019).

Encontram-se pontos que apresentam a inserção de cultivos agrícolas de subsistência e/ou de consumo local, em competitividade à recuperação da vegetação.

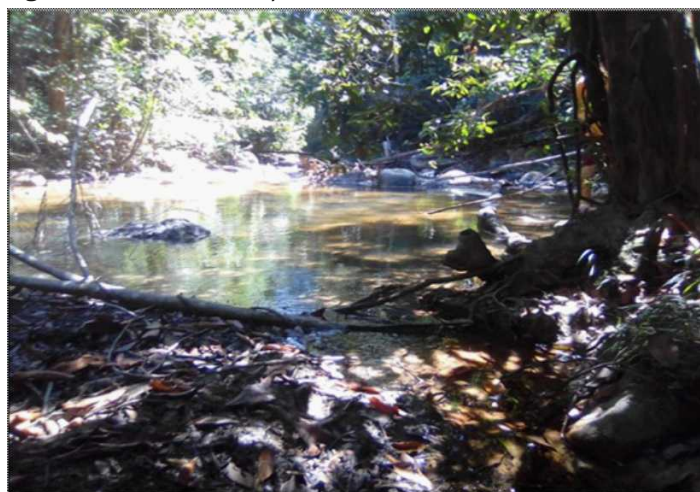
As diferentes visões são mantidas na mente de quem a visita, proporcionando ao turista e/ou visitante o desejo de voltar para observar e guardar em fotos panorama tão agradável. O maior valor da vegetação é encontrado na proteção que proporciona, tais como: às fontes

de água e no papel que desempenham no controle da erosão, climas regionais e seus efeitos ambientais (ROMERO et al., 2008). A vegetação ajuda a conservar a água da chuva, e retém a água da atmosfera para alimentar de forma mais constante as bacias hidrográficas e outras fontes (AGUILAR, 2009). Por outro lado, a presença de lençóis freáticos em uma paisagem constitui um elemento de valor paisagístico indiscutível (AYALA et al., 2003).

O recurso hídrico, tão vital para a vida humana e suas tarefas diárias, tornou-se ao longo do tempo uma atração sobre a qual repousam muitas atividades que fazem parte do Turismo. Basta planejar férias, excursão do Ecoturismo às montanhas, lagos e rios, o ambiente aquático serve de base para o desenvolvimento de inúmeras atividades esportivas (GIL, 2003).

Para o setor do Turismo, a água é de extrema importância, uma vez que as pessoas são atraídas por ela, e há milhões de turistas e/ou visitantes procurando aproveitar esse elemento da natureza em seus dias de lazer. Todos os dias as pessoas escolhem como destino, determinados ecossistemas em que a água é sua característica, e essa área é específica para aproveitar esse recurso, os visitantes da trilha do Kuatá podem tomar banho no trajeto na Cachoeira do Cipó (Figura 4).

**Figura 4:** Cachoeira do Cipó.



**Fonte:** acervo pessoal (pesquisa in loco, 2019).



Além disso, o clima é fundamental na configuração da vegetação, nos processos morfogênicos, na distribuição da fauna, no fluxo dos rios ou no suprimento de água, fatores de vital importância para a conformação de um cenário turístico atraente. O turista geralmente escolhe seus destinos garantindo que todos os elementos do produto adquirido, incluindo os climáticos, favoreçam sua sensação de prazer (MARTIN, 1999).

O clima pode ser considerado um dos elementos responsáveis pela alta concentração geográfica nos destinos turísticos, pois determina em grande parte os tipos de acomodações, a própria arquitetura turística, os sistemas de condicionamento e até o desenho urbano (MARTIN, 1999). É um fator de localização e recurso turístico, embora o clima não gere diretamente a atividade turística, ajuda seu desenvolvimento, pois as condições climáticas permitem ou favorecem certas atividades turístico-recreativas ao ar livre: caminhadas, rafting, golfe, caça, pesca e escalada. Às vezes, diante de condições climáticas adversas, o turista redireciona suas atividades, deixando de praticar todas aquelas que ocorrem ao ar livre e passando para as atividades internas e relacionadas à recreação cultural e social.

De qualquer forma, embora cada atividade turística reivindique suas condições climato-meteorológicas e estas se tornem uma atração turística, parece haver um gosto especial entre os

turistas pelo sol e temperaturas relativamente altas, estão sempre dispostos a realizar suas atividades (sejam elas quais forem) em locais caracterizados por registrar temperaturas relativamente altas e insolação (CIFUENTES, 1992).

Convém destacar que, a agricultura não é mais o principal meio de subsistência da comunidade rural, portanto, ela procura alternativas que permitam enfrentar o futuro com maior otimismo. O Turismo é visto como uma das principais fontes de renda para complementar a renda obtida da agricultura (ESCRICHE, 2002).

A vocação agrícola refletida pela Comunidade Nova Esperança pode ser usada para gerar novas receitas através do Agroturismo, onde é aberto espaço para o agricultor mostrar o que sabe fazer aos turistas e/ou visitantes, onde nos passeios podem ser apresentados a produção de artesanato feito com as mesmas culturas, através de rotas alimentares, onde o empreendedorismo e o conhecimento tradicional são a carta de apresentação para promover a atividade turística. Também espaços disponíveis pela Comunidade Nova Esperança podem ser utilizados para a criação e acondicionamento de infra-estrutura para a satisfação dos visitantes.

No Quadro 2 expõe um resumo detalhado das potencialidades e limitações dos recursos naturais da Comunidade Nova Esperança para o desenvolvimento da atividade turística.

**Quadro 2:** Potenciais e limitações da atividade turística na Comunidade de Nova Esperança.

VARIÁVEIS FÍSICO-NATURAIS	POTENCIALIDADES	LIMITANTES
<b>Relevo</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Qualidade visual da paisagem, áreas de alto valor natural, reservas naturais.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Encostas altas, processos erosivos (voçorocas, sulcos).</li> </ul>
<b>Topografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Complexidade topográfica.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fragilidade da paisagem.</li> </ul>
<b>Vegetação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Proteção de mananciais e controle de erosão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ecossistemas desconhecidos.</li> </ul>
<b>Uso da terra</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Alto potencial edáfico caracterizado por solos bem desenvolvidos, com fertilidade natural de moderada a alta.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Encostas altas, pedregosas, erosão.</li> </ul>
<b>Hidrografia</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Altos fluxos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Poluição dos cursos de água.</li> </ul>
<b>Clima</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ensolarado, alta temperatura.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Precipitação, ventos fortes e trovões.</li> </ul>

Fonte: elaboração própria (2020).

Conseqüentemente, o ambiente natural pode impor limitações à prática de esportes recreativos, dependendo dos recursos presentes. Essas limitações podem ser, incapacidade de realizar uma atividade, pois valores restritivos aparecem para a prática, por exemplo, algumas das

variáveis que geralmente agravam a dificuldade e podem limitar as práticas recreativas são: a topografia, a litologia, climatologia, hidrologia e limitações parciais, dependendo do nível de preparação física e conhecimento da atividade do praticante (GIL, 2003). Todas as modalidades turísticas utilizam, até certo ponto, os recursos naturais, todas valorizam socialmente o ambiente natural, isto é, as características climáticas, geológicas, hidrológicas e paisagísticas de um determinado espaço, eles valorizam todo o seu ambiente (MARTIN, 1999).

### 3.2 Problemas Derivados da Atividade Turística

É preciso reconhecer que todas as atividades turísticas e recreativas geram mudanças ambientais e sociais. No caso específico de áreas de lazer, os impactos dependem da pressão física dos visitantes sobre o meio ambiente (solo, vegetação) e as atividades que realizam (tipo de atividade, duração e extensão ocupada). Muitos desses aspectos são difíceis de quantificar e, portanto, são utilizadas escalas qualitativas para sua determinação (SANDOVAL; ABELLÁN, 2000). O gerenciamento de impacto dos visitantes é cada vez mais importante, tendo em vista o aumento do número de turistas localizados em áreas ecologicamente vulneráveis (SERRANO, 2011).

Todo esse problema da degradação ambiental no Turismo e sua relação com o meio ambiente natural, por um lado, consome recursos naturais e, por outro, necessita de um ambiente natural atrativo para o seu desenvolvimento (SEGRADO et al., 2008). Mais ainda, se considerarmos que todos os tipos de Turismo dependem até certo ponto da paisagem natural, incluindo o Turismo cultural, porque a

cultura é derivada do meio ambiente, portanto, sua conservação e manutenção são essenciais para garantir o sucesso e a existência da atividade (JIMÉNEZ, 2006).

O Turismo é construído pela existência de atrações naturais e culturais e seu desenvolvimento depende das boas condições em que elas se encontram. Os impactos negativos no ambiente natural põem em risco não apenas os valores ecológicos das áreas, mas também o seu próprio potencial turístico, porque um local deteriorado é um local não frequentado por turistas e perde competitividade (BONILLA; BONILLA, 2008).

É necessária atenção adequada, pois o impacto de determinadas atividades pode causar transtornos às comunidades, provocando êxodo de nativos e até mesmo desestruturando o modo de vida dos moradores, gerando ou agravando o choque econômico e cultural. No Quadro 3, apresenta os impactos negativos atualmente gerados pela atividade turística na trilha do Kuatá na Comunidade Nova Esperança localizada na Terra Indígena São Marcos no município de Pacaraima-RR.

**Quadro 3:** Impactos do uso do turista.

IMPACTO	CAUSA
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Poluição de recursos hídricos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Despejo de resíduos no leito do rio.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desmatamento florestal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Extração indiscriminada de árvores e incêndio criminoso.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alteração do <i>habitat</i> animal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exploração indiscriminada e incêndios.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compactação do solo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pisoteio constante dos visitantes.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perda de cobertura vegetal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trânsito de visitantes fora das trilhas.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Contaminação do solo por lixo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descarte inadequado de resíduos sólidos.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Perda de biodiversidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Extração de material vegetal.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Modificação do comportamento das espécies.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ruído produzido pelos visitantes.</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ampliação das trilhas e criação de novas trilhas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Trânsito de visitantes fora das trilhas e áreas proibidas.</li> </ul>

**Fonte:** elaboração própria (2020).

O levantamento dos impactos ambientais causados pela atividade turística na trilha do Kuatá é de extrema importância para qualquer projeto de intervenção e recuperação da área (Figura 5). A participação da comunidade local



também é essencial, pois a partir do fortalecimento da identidade dos moradores, estes poderão contribuir para a defesa do patrimônio natural existente, bem como assumir sua responsabilidade em preservá-lo.

**Figura 5:** Extração indiscriminada de árvores.



**Fonte:** acervo pessoal (pesquisa in loco, 2019).

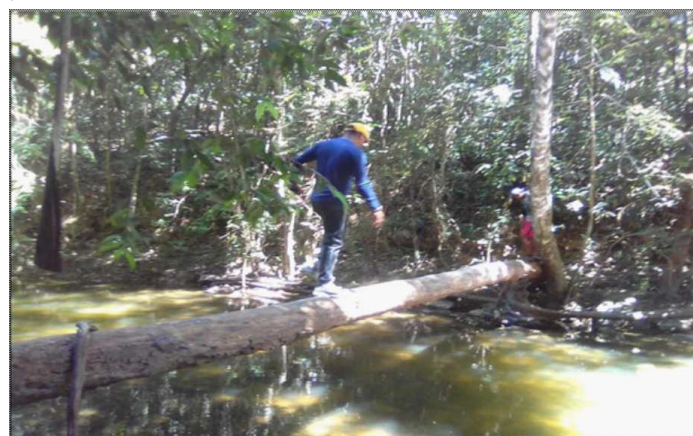
A Comunidade Nova Esperança, embora tenha atrativos naturais e culturais suficientes para motivar o desenvolvimento do turismo, não é atualmente um destino turístico, devido as questões voltadas as autorizações referentes as questões indígenas. Por isso, a comunidade, juntamente com os seus líderes e autoridades competentes devem se unir a fim de traçar um Turismo de base participativa, com estratégias de proteção para que os direitos fundamentais dos indígenas fiquem assegurados.

Dentro do planejamento e gestão do Turismo em sustentabilidade, a participação de todas as partes interessadas relevantes deve ser promovida, incluindo os residentes como um grupo-chave no processo, uma vez que, a atividade turística depende dos recursos naturais, culturais e/ou históricos da área, a participação da comunidade local, e da própria gestão do Turismo (CUADRA et al., 2017; MOLLARD, 2001).

Sugere-se que estratégias de proteção ambiental devem ser implantadas pelos moradores da comunidade (Figura 6). Tais

iniciativas devem ser realizadas para melhorar a conscientização sobre a importância de se preservar o meio ambiente e a cultura local, sensibilizando a própria comunidade e os visitantes sobre as vantagens de se zelar e salvaguardar de impactos os lugares que visitam.

**Figura 6:** Trânsito de visitantes fora das trilhas e áreas proibidas.



**Fonte:** acervo pessoal (pesquisa in loco, 2019).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os destinos emergentes são originários de um mercado cada vez mais difícil de satisfazer, que anseia por contato com a natureza, para conhecer os costumes e tradições das populações locais, além de realizar atividades que o ambiente urbano não oferece. Apesar das vantagens, deve-se reconhecer que essa nova tendência coloca em conflito as áreas rurais, pois apresentam certas barreiras ambientais ao desenvolvimento, principalmente os espaços naturais onde os ecossistemas são mais sensíveis, não são adequadamente conhecidos e apresentam maiores riscos para o meio ambiente, deterioração e degradação. Portanto, ao planejar e gerenciar essas áreas para o Turismo, as características do ambiente natural devem ser consideradas, especialmente os recursos e o potencial para desenvolver atividades relacionadas ao lazer e ao Turismo de natureza.

Da mesma forma, é imperativo considerar os possíveis impactos que as atividades podem causar em todas as dimensões, portanto, os tipos de usos a serem introduzidos, sua distribuição e intensidade e seus efeitos na natureza e na sociedade devem ser cuidadosamente planejados. Desse modo, os impactos turísticos da trilha do Kuatá são de média magnitude, de importância não significativa, e de curta duração, resultado da descrição e avaliação ambiental, e matrizes de causa-efeito, tomando-se como base no método de Matriz Leopold et al., (1971) de modo adaptado para atender aos objetivos desse estudo (DOTE SÁ; OLÍMPIO, 1995). Podendo ser minimizados através do manejo adequado da trilha e da sensibilização dos visitantes, através de programas de Educação Ambiental.

## 5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUILAR, H.

Ventajas y desventajas del desarrollo rural sostenible en ambientes de montaña. *Espacio y Desarrollo*, n. 21, p. 7-19, 2009. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5339546>. Acesso em: 03 jan. 2020.

ASSIS, J.; LIMA, I. As iniciativas em EcoTurismo indígena pela Comunidade Nova Esperança, em São Marcos, município de Pacaraima, Roraima. In: LIMA, I. (org.). *Abordagens Turísticas na Amazônia: Compêndio Monográfico sobre o Turismo em Roraima*. Caracará/Boa Vista: Universidade Estadual de Roraima/MultiAmazon, 2014.

AYALA, R.; RAMÍREZ, J.; CAMARGO, S. Valoración de la calidad y fragilidad visual del paisaje en el Valle de Zapotitlán de las Salinas, Puebla (México). *BAGE*, n. 35, p. 123-136, 2003. Disponível em: <https://bage.agegeografia.es/ojs/index.php/bage/article/viewFile/446/417>. Acesso em: 03 jan. 2020.

BONILLA, J.; BONILLA L. La capacidad de carga turística: Revisión crítica de un instrumento de medida de sostenibilidad. *Revista El Periplo Sustentable*, Toluca, n. 15, p. 123-150, 2008.

Disponível em: [https://idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/16079/file\\_1.pdf?sequence](https://idus.us.es/xmlui/bitstream/handle/11441/16079/file_1.pdf?sequence). Acesso em: 23 maio 2019.

CIFUENTES, M. Determinación de capacidad de carga turística en áreas protegidas. *Serie técnica, informe técnico nº 194*. Turrialba: CATIE, 1992. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=es&lr=&id=ICoOAQAIAAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=Determinaci%C3%B3n+de+capacidad+de+carga+tur%C3%ADstica+en+%C3%A1reas+protegidas,+Serie+t%C3%A9cnica,+Informe+t%C3%A9cnico+N%C2%BA+194,+Turrialba&ots=CgAHa5s7gT&sig=2LlaOXUMSCeYG8kLvIDA1OyY6FA&redir\\_esc=>](https://books.google.com.br/books?hl=es&lr=&id=ICoOAQAIAAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=Determinaci%C3%B3n+de+capacidad+de+carga+tur%C3%ADstica+en+%C3%A1reas+protegidas,+Serie+t%C3%A9cnica,+Informe+t%C3%A9cnico+N%C2%BA+194,+Turrialba&ots=CgAHa5s7gT&sig=2LlaOXUMSCeYG8kLvIDA1OyY6FA&redir_esc=>). Acesso em: 12 maio 2019.

CUADRA, S.; GUZMÁN, T.; AGÜERA, F.; MORALES, P. Motivación y satisfacción de los oleoturistas en España. El caso de Andalucía. *Revista Espacios*, v.38, n.38, p. 1-13, 2017. Disponível em: <https://www.revistaespacios.com/a17v38n58/a17v38n58p04.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2020.

DIAS, A.; QUEIROZ, M. Elaboração de trilha interpretativa na Unidade de Conservação Desterro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVACAO, 1. Anais [...]. Curitiba: IAP/Unilivre, 1997.

DOTE SÁ, T.; OLÍMPIO, J. Avaliação de Impactos Ambientais. In: *Curso Avaliação de Impactos Ambientais*, Apostila. João Pessoa: GAPLAN/SUDEMA, 1995.

ESCRICHE, M. La diversificación en el medio rural como factor de desarrollo. *Papeles de Geografía*, Murcia, v. 36, p. 223-238, 2002. Disponível em: <https://revistas.um.es/geografia/article/view/46561/44601>. Acesso em: 03 jan. 2020.

FALCÃO, M.; COSTA, J. Paisagem geomorfológica da terra indígena Raposa Serra do Sol – Uiramutã/Roraima/Brasil. *GEONORTE*, v. 5, n. 18, p. 66 - 70, 7 jan. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/revista-geonorte/article/view/1442/1327>. Acesso em: 10 mar. 2021.



- FALCÃO, M.; SILVA, T.; SOUZA, J. Geodiversidade e geoturismo: estudo das potencialidades do município do Uiramutã-Roraima. *Revista Multidisciplinar PeyKëyo Científico*, v. 5, n. 2, p. 43-54, 2020. Disponível em: <<http://periodicos.estacio.br/index.php/pkcroraima/article/viewArticle/7649>>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- GALDINO, L. Sociedade, política, cultura e meio ambiente: subsídios ao planejamento socioambiental à comunidade indígena Boca da Mata, na Terra Indígena São Marcos – Roraima. Tese (Doutorado em Geografia). Fortaleza: UFC, 2017.
- GALLEGOS, A. Las actividades físico-deportivas en la naturaleza y la industria turística. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte/International Journal of Medicine and Science of Physical Activity and Sport*, Madrid, v. 7, n. 26, p. 111-127, 2007. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/542/54222966004.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2020.
- GIL, A. La evaluación del medio para la práctica de actividades turístico-deportivas en la naturaleza. *Cuadernos de Turismo*, Málaga, v.12, p.131-149, 2003. Disponível em: <<https://revistas.um.es/Turismo/article/view/19111/18471>>. Acesso em: 03 jan. 2020.
- GUILLÉN, I.; BOADA, C. Turismo, biodiversidad y academia ¿una opción para la extensión universitaria? el caso de la Universidad de Los Andes, Mérida Venezuela. *Revista Geográfica Venezolana*, v. 47, n.1, p.119-136, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3477/347730363008.pdf>>. Acesso em: 29 jul. 2019. jan. 2020.
- JIMÉNEZ, C. Turismo Sostenible: una revisión conceptual aplicada. *El periplo sustentable*, Toluca, n.11, p. 5-21, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1934/193420679001.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2020.
- KIYOTANI, I.; LIMA, E. de. Paisaje y medioambiente. Las transformaciones ocasionadas por el Turismo de segundas residencias en las playas de Jacumã, Carapibus y Tabatinga (Conde/PB, Brasil). *Estudios y perspectivas en Turismo*, v.21, n.1, p. 141-158, 2012. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1807/180721630009.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2020.
- LADEIRA, L.; DANTAS, M. Compartimentação Geomorfológica, p. 31-46. In: HOLANDA, J. L. R.; MARMOS, J.L.; MAIA, A. M. (orgs.). *Geodiversidade do Estado de Roraima*. Manaus: CPRM, 2014. Disponível em: <<http://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/16775>>. Acesso em: 11 mar. 2020.
- LEOPOLD, L. B.; CLARKE, F. S.; HANSHAW, B. et al. *A Procedure for Evaluating Environmental Impact*. Washington: U. S. Geological Survey, 1971.
- MANDUCA, L.; SILVA, N.; ALMEIDA, F. Atlas escolar: Terra indígena São Marcos. Boa Vista: Editora da UFRR, 2009.
- MARTÍN, B. La relación clima-Turismo: consideraciones básicas en los fundamentos teóricos y prácticos. *Investigaciones Geográficas*, Alicante, n.21, p. 21-34, 1999. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/176/17654250002.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2020.
- MARTÍNEZ, A.; BARQUÍN, R.; GARCÍA, M.; CARRÉ, E. Percepción de la comunidad en torno al Turismo como factor de desarrollo local, Caso San Pedro Tultepec, México. *Turismo y sociedad*, v. XVI, p. 43-65, 2015. Disponível em: <<https://revistas.uexternado.edu.co/index.php/tursoc/article/view/4433/5038>>. Acesso em: 31 jan. 2020.
- MELO, E. Turismo Sustentável em Áreas Indígenas: uma alternativa para a aldeia guarani araponga no município de Paraty/RJ. Rio de Janeiro: 2012.
- MOLLARD, A. Qualité et développement territorial: une grille d'analyse théorique à partir de la rente. *Economies rurales*, n. 263, p. 16-34, 2001. Disponível em: <[https://www.persee.fr/doc/ecoru\\_0013-0559\\_2001\\_num\\_263\\_1\\_5240](https://www.persee.fr/doc/ecoru_0013-0559_2001_num_263_1_5240)>. Acesso em: 31 jan.

2020.

OLIVEIRA, K. Espaço vivido na comunidade Nova Esperança, Terra Indígena São Marcos: um olhar a partir da escola estadual indígena Arthur Pinto da Silva, Pacaraima-RR. Dissertação (Mestrado em Geografia). Boa Vista: UFRR, 2018.

OPASCHOWSKI, H. ¿Turismo de masas o Turismo a medida? Límites económicos, ecológicos y psicológicos. *Papers de turisme*, n. 4, p. 68-80, 2015. Disponível em: < <http://www.papersdeturisme.gva>>. Acesso em: 31 jan. 2020.

OREA, D. Evaluación de impacto ambiental: un instrumento preventivo para la gestión ambiental. 2. ed. España: Mundi-Prensa Libros, 2002.

RÁBAGO, N.; REVAH, L. El EcoTurismo: ¿una nueva modalidad del Turismo de masas? *Economía, Sociedad y Territorio*, v. II, n. 7, p. 373-403, 2000. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/111/11100701.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2019.

REBOLLO, J.; BAIDAL, J. Measuring sustainability in a mass tourist destination: pressures, perceptions and policy responses in Torrevieja, Spain. *Journal of Sustainable Tourism*, v. 11, p. 181-203, 2003. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/09669580308667202?needAccess=true>>. Acesso em: 31 jan. 2020.

ROMERO, H.; VÁSQUEZ, A.; SMITH, P. Análisis crítico de las potencialidades y limitaciones para el desarrollo regional de Aysén. Laboratorio de Medio Ambiente y Territorio Departamento de Geografía, Universidad de Chile Proyecto Fondecyt 1071096, 2008. Disponível em: <[http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/117780/Romero%20et%20al\\_Ayseen\\_invgeo\\_si.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/117780/Romero%20et%20al_Ayseen_invgeo_si.pdf?sequence=1&isAllowed=y)>. Acesso em: 03 jan. 2020.

SANDOVAL, M.; ABELLÁN, M. Estudio de la capacidad de acogida y planificación de las áreas recreativas de Calasparra (Murcia). Cuadernos de

Turismo, n.6, p. 103-121. 2000. Disponível em:<<http://revistas.um.es/Turismo/article/view/22621>>. Acesso em: 20 maio 2019.

SEGRADO, R.; MUÑOZ, A.; ARROYO, L. Medición de la capacidad de carga turística de Cozumel. *El Periplo Sustentable*, Toluca, n. 13, p. 33-61, 2008. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1934/193420270003.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2020.

SERRANO, M.; ALARTE, A. Valoración de impactos y propuestas de actuación del senderismo como actividad turística en el noroeste de la región de Murcia. *Papeles de Geografía*, n. 49-50, p. 147-147, 2009. Disponível em: <<https://revistas.um.es/geografia/article/view/92451/88981>>. Acesso em: 31 jan. 2020.

SILVA, G. da. Turismo em terras indígenas. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Turismo). Brasília: UNB, 2015.

TRIBIÑO, L. SeudoTurismo: El turista y sus falsas prácticas durante el ejercicio de la actividad turística (PseudoTourism: TheTourist and His False PracticesDuringtheTourismActivity). *Turismo y Sociedad*, n. 17, p. 1-14, 2015. Disponível em: [https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract\\_id=2746117](https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2746117). Acesso em: 31 jan. 2020.